



PRESENCAS E AÇÕES INDÍGENAS NO ALTO TAPAJÓS: OS MUNDURUKU FRENTE AO PROCESSO DE CATEQUIZAÇÃO E CIVILIZAÇÃO

Manuelle Lopes De Matos¹, Diego Carvalho Pereira² e Lucybeth Camargo de Arruda³

Este trabalho tem a intenção de dar visibilidade às ações indígenas dos Munduruku, localizado em um dos principais afluentes do rio Tapajós, o Rio Cururu. Nesse recorte espacial há muitas histórias das relações dos Munduruku com a Missão São Francisco, desde 1911, assim como com o Posto de atração Munduruku mantido pelo Serviço de Proteção ao Índio- SPI a partir de 1942. A pesquisa parte de um conjunto selecionado de publicações, teses e dissertações nas áreas de antropologia e história produzidas sobre esse recorte temático e, trabalha alguns conceitos que perpassam a ação dos agentes civilizadores junto aos Munduruku a partir de uma perspectiva histórica. Os objetivos direcionam para um exercício de tomar os trabalhos científicos nos campos da antropologia e da história para observar os grupos indígenas na conjuntura da política expansionista ao longo do século XX. Ao analisar os dados históricos e etnográficos, percebemos que os agentes da sociedade nacional acreditavam no trabalho de catequese, missionária e indigenista, que levariam os indígenas em direção à civilização. De um lado, o SPI almejava transformar os indígenas em trabalhadores nacionais e integrá-los a sociedade nacional; do outro, a Missão Cururu através da catequização visava transformar os indígenas em “bons cristãos”. Os agentes apoiavam-se em conceitos como o de “progresso”, que conduziria as civilizações às experiências benévolas bem como assinalavam teóricos contemporâneos que apontavam o tempo como direção que levava de uma condição inferior para uma superior. (Dupas, 2006, p. 31). A civilização seria como resultado da aplicação da inteligência e não da imposição de forças externas ou modelos originais. (Dupas, 2006, p. 33). A mediação entre indígenas e o Estado, no caso dos Munduruku, era realizada pela Igreja Católica no sentido de levar catequese e civilização. Contudo, a política indigenista tinha perspectivas distintas com relação às estratégias missionárias, já que o Estado buscava através da assimilação levar os indígenas em direção a civilização e os missionários propunham o isolamento dos grupos indígenas. Diante disso, foi possível notar que os Munduruku não foram massa de manobra dos agentes daquela região, pois agiram de acordo com seus interesses, migrando para as margens do rio Cururu, não atraídos pela Missão, mas pelos benefícios que poderiam encontrar naquele lugar, tanto para o seu regime de conhecimento, quanto para outros regimes de relações interétnicas com a sociedade nacional.

Palavras-chave: Presenças e ações indígenas; Munduruku; História e Etnologia.

¹Acadêmica do curso de Antropologia Social (ICS) da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. E-mail: manuelle.matos@hotmail.com

²Acadêmico do curso de Licenciatura em História (ICED) da Universidade Federal do Oeste do Pará-UFOPA. E-mail: ego.carvalho@yahoo.com.br

³Professora do Instituto de Ciências da Sociedade- ICS. E-mail: lucybeth.arruda@gmail.com. Orientadora.